

ALESSANDRO
ELOY BRAGA

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Referência:

BRAGA, Alessandro Eloy. "Um poema à parte: A canção do senhor da guerra". In *Renato Russo: lirismo e esclarecimento*. Brasília: Edição do autor. 2024, p. 147-153.

Disponível em:

<http://www.renatorussolirismoeescclarecimento.com.br>

@renatorussolirismo

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



5.

UM POEMA À PARTE: “A canção do Senhor da Guerra”

- 1 Existe alguém esperando por você
- 2 Que vai comprar a sua juventude
- 3 E convencê-lo a vencer
- 4 Mais uma guerra sem razão
- 5 Já são tantas as crianças com armas na mão
- 6 Mas explicam novamente
- 7 que a guerra gera empregos
- 8 Aumenta a produção
- 9 Uma guerra sempre avança a tecnologia
- 10 Mesmo sendo guerra santa
- 11 Quente, morna ou fria
- 12 Pra que exportar comida?
- 13 Se as armas dão mais lucros na exportação
- 14 Existe alguém que está contando com você
- 15 Pra lutar em seu lugar já que nessa guerra
- 16 Não é ele quem vai morrer
- 17 E quando longe de casa
- 18 Ferido e com frio o inimigo você espera
- 19 Ele estará com outros velhos
- 20 Inventando novos jogos de guerra
- 21 Que belíssimas cenas de destruição
- 22 Não teremos mais problemas
- 23 Com a superpopulação
- 24 Veja que uniforme lindo fizemos pra você
- 25 E lembre-se sempre que Deus está
- 26 Do lado de quem vai vencer
- 27 O senhor da guerra não gosta de crianças

Como é próprio da poesia de Renato Russo no estágio da *resistência*, “A canção do senhor da guerra”, à primeira vista, é um poema de denúncia sobre o envio e jovens para a lutar em guerras que não lhe pertencem, mas para as quais são convencidos a ir para sacrificar suas vidas em nome de interesses de poder daqueles que fazem parte do controle do Sistema: “os generais de três estrelas que ficam atrás da mesa com o cú na mão”.

O poeta, mais uma vez, joga luz sobre o que estava oculto pela escuridão, promovendo uma multiplicação de seu esclarecimento pela tentativa de conscientização do seus receptores sobre a realidade que se impõe a eles.

Este é um poema antigo, ainda escrito no início da carreira de Renato Russo. Veio a público em uma primeira gravação que veio de um registro feito de forma amadora no show de lançamento do álbum *Dois*, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília. Mais tarde ela ganhou uma gravação definitiva em estúdio, lançada no álbum *Música para acampamentos* (1992).

O poema é, sem dúvida, uma das mais contundentes expressões do eu-lírico em relação ao controle e exploração da descartável vida humana, especialmente do jovens os quais, para aos senhores da guerra, não passam de peões mandados para morrer em um jogo perverso de forças em que os velhos que detém o controle do mundo assistem a tudo no conforto de seus palácios, quartéis e mansões.

Em poucos momentos, senão jamais, um poema de Renato Russo expressou aspectos da desumanidade de forma tão incisiva, com imagens nuas e cruas. Sem meias palavras, o eu-lírico começa a elencar todas as fases de um processo cruel e desumano de roubar a vida de jovens para que eles também roubem a vida de outros com os quais combateram longe de casa.

O discurso do texto é direcionado para um ouvinte receptor deliberadamente indeterminado, o que possibilita que qualquer pessoa que tenha contato com o poema possa assumir o papel de interlocutor, mas especialmente os jovens.

No primeiro conjunto de versos (v.1-8), o eu-lírico denuncia que há alguém sempre oculto, esperando para as crianças se tornem jovens a fim poder, desde cedo, transformá-los em produtos para serem comprados e consumidos. Esperando para, mediante argumentos ilusórios convencê-los de que podem ser vencedores se a ele servirem, entregando suas vidas atuando em guerras que não são suas para defender os interesses de outros que não se mostram. São pessoas tão jovens recrutadas desde cedo, ainda crianças que não tiveram a oportunidade de amadurecer intelectual e emocionalmente para que não pudessem se esclarecer e se opor à servidão do Sistema. Jovens manipulados por argumentos falaciosos fundamentados em promessas vazias e falsas de que a guerra é uma ação benéfica e necessária para gerar empregos e aumentar a riqueza econômica da sociedade (v.1-8). Eles vendem a guerra como algo que trará avanços tecnológicos, não importa o tipo de guerra: se movida por religiões (“guerra santa”), se movida por motivos de gabinete (“morna ou fria”) ou se vivida diretamente nos cam-

pos de batalha (“quente”). Afinal, para que investir na produção e exportação de alimentos, se o investimento em armas fornece mais lucros para saciar a ganância dos que incentivam a guerra para enriquecimento próprio. A vida humana é um objeto para os lucros e dispensável a qualquer momento (v.10-13).

O eu-lírico denuncia o fato de que os jovens são retirados da segurando de seus lares, para serem manipulados para se encaminharem para a morte, enquanto os senhores da guerra se resguardam e continuam planejando como repetir *ad aeternum* o processo (v.14-20), num devir.

No último bloco de versos, o eu-lírico abandona sua própria voz para assumir a voz do Senhor da Guerra. Neste momento, ele passa a pintar o cenário da guerra como se fosse algo belo. Que a guerra trará benefícios para a sociedade, principalmente o controle quantitativo da população, pela morte de inúmeras pessoas de ambos os lados, especialmente os mais socialmente desfavorecidos, como é de praxe, incluindo, e principalmente, os jovens soldados (v.21-24).

O eu-lírico dá atenção às promessas contadas aos jovens para ajudar no processo de convencimento. O Senhor da Guerra ape-la para a vaidade humana, afirmando que, ao se tornarem soldados, se tornarão belos, porque vestirão belos uniformes (v.24). Por fim, lança mão do convencimento pela fé religiosa, manipulando a imagem do Deus cristão e judaico, afirmando que Deus estará sempre ao seu lado, mas somente se eles foram vencedores: “E lembre-se sempre de que Deus está / do lado de quem vai vencer” (v.25-27).

“Canção do Senhor da Guerra” é a denúncia de todo processo de manipulação da infância e da adolescência pelos dirigentes do Sistema para criar soldados cegos e desconhecem a luz do esclarecimento. São programados para receber deles, cumprir ordens e sem parar para pensar no valor moral de suas ações nem se sensibilizar e ter empatia com o sofrimento de todas as pessoas que sofrem com seus atos de violência.

No mais, este poema de Renato Russo estabelece uma estreita ligação de contexto com outro poema: “Soldados”, publicado no álbum *Legião Urbana* (1985). Nesse poema,

Renato Russo apresenta um eu-lírico que, acordando do seu sono alienado, começa um processo de esclarecimento mediante a construção de uma série de questionamentos sobre tudo que tem feito, sobre quem tem sido, sobre o que ele e seus pares fizeram, sobre o que os Senhores da Guerra fizeram com ele, sobre o sentido de sua vida. Lutaram sem saber o porquê lutavam. Sem saber quem eram verdadeiramente seus inimigos. Um jovem desprovido de empatia e sensibilidade que começa a acordar para as verdades da realidade, percebendo que foi usado. Neste processo de iluminação, começa a entender que perdeu tempo de vida, perdeu sua identidade, perdeu sua inocência, perdeu oportunidades, não viveu amores possíveis. Neste dolorosa processo de esclarecimento no qual ele adentra, começa a ver toda a desumanidade que impera e na qual estava imerso cegamente. Agora, em meio a esta dor, para reiniciar a vida e resgatar o “tempo perdido”, resta a ele e aos seus pares, ainda podres de espírito de consciências, pedir esmolas colher migalhas até alcançar a maioria emocional e intelectual.

Fontes secundárias:

ADORNO, Theodor W.; HORKEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAGÃO, Maria Lúcia. “Gêneros literários”. In SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ALVES, Elaine Cunha de Oliveira. *Diálogos poéticos de um legionário: intertextualidade nas canções de Renato Russo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c0e3d44a-bc2a-46dc-9a0f-db0c0abe0730/content>

BARTOLI, Jean. “Espiritualidade e conhecimento”. In: *GV executivo - Especial espiritualidade e gestão*, vol. 6, n. 6, nov./dez. 2007, p. 74-78. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/34743/33545/66773>. Acesso em 22 mar. 2024.

BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Casimiro Linarth. São Paulo: Marin Claret, 2017.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. “A intenção do *autor* na *intenção do texto*: equivalências semiológicas na obra de Renato Russo”. In *Graphos*, vol. 10, n. 2, João Pessoa, dez./2008, p.188-195.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. “Será que nada vai acontecer? Tempo e melancolia na poética da Legião Urbana”. In *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 45-70, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/1983-201X.74148>

GOMES, Cristiano Vinicius de Oliveira. “As letras de Renato Russo: do desespero, da desilusão à busca de um(s) sentido(s)”. In *Revista Chrônidas - Revista Eletrônica da Graduação e Pós-Graduação em História Universidade Federal de Goiás*, ano II, n. 05, Goiânia, p. 106-136, dez. 2009.

GRANGEIA, Mario Luis. “Redemocratização e desigualdades sociais segundo Cazuzu e Renato Russo”. In *Aurora: revista de arte, mídia e política*, n. 12, 2011, PUC, São Paulo. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/5889>

GULLAR, Ferreira. *Sobre arte sobre poesia: (uma luz do chão)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KANT, Immanuel et al. *O que é esclarecimento*. Tradução de Paulo César Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

LOPES, Marcos Carvalho. *Canção, estética e política: ensaios legionários*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

MARTINS, Geraldo Vicente. “Memória e afeto na letra da canção ‘Pais e filhos’”. In *Papéis - Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS*, vol. 19, nº 37, Campo Grande, 2015, p. 61 a 69.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Legião Urbana: Conscientização crítica e ensino de história*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Piauí. Parnaíba, 2022.

MUCURY, Julliany Alves. “Das transmutações do amor e da dor em tempos d’água: Renato Russo diz adeus”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 77-92.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

OZÓRIO Elisângela Maria. “Renato Russo e a cidade”. In *Opiniões: revista dos alunos de literatura brasileira*. Universidade de São Paulo, n. 9 (2016): Dossiê: Literatura e Cidade, 2016.

PAIVA, Ingrid Jeampietri; CALVANI, Carlos Eduardo. “Renato Russo e o desencanto político-existencial

dos anos 80”. In *Teoliterária*, ISSN-e 2236-9937, vol. 12, nº. 26, 2022, p. 76-102. DOI: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2022v26p76-102>

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PIRES, Flávia Teixeira Silva et al. “Análise literária da música ‘Tempo perdido’ e a liquidez de Bauman”. In *Revista Philologus*, Ano 28, n. 84, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2022, p. 331-340. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1324/1388>. Acesso em 02 abr. 2024.

PORTO EDITORA – *dragão (simbologia)* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-03-21 13:26:16]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$dragao-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$dragao-(simbologia)).

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 14. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 2005.

RIBEIRO, Aline Assumpção. “*Há tempos o encanto está ausente*”: *Legião Urbana no ensino de geografia*. Monografia de Pós-graduação Latu Sensu. PUC. São Paulo, 2013.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SANTOS, Kelly Fabíola Viana dos . “A épica pós-moderna em ‘Metal contra as nuvens’, de Renato Russo”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 93-102.

SANTOS, Maria Yonar Marinho dos. *A poesia urbana na Legião de Renato Russo*. Curitiba: Appris, 2020.

SIQUEIRA, Vinicius. “A Dialética do Esclarecimento – Adorno e Horkheimer: uma resenha”. In *Colunas Tortas*. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/a-dialetica-do-esclarecimento-adorno-e-horkheimer-uma-resenha/#:~:text=A%20Dial%C3%A9tica%20do%20Esclarecimento%20mostra,corpos%20e%20de%20suas%20almas>. Acesso em: 10 abr. 2024.

STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FRAGMENTOS

1.

A percepção de Maria Yonar Martinho dos Santos¹⁰¹ sobre a formação de um ciclo formado pelos álbuns da Legião Urbana, baseando-se, principalmente, nos poemas de Renato Russo como norteadores e identificadores das partes destes ciclos, revela também, “quase sem querer”, as relações do eu-lírico do poeta com a tese do esclarecimento. Ela relaciona os álbuns da Legião Urbana com os quatro períodos do tempo na cultura chinesa. Mas é possível também relacionar as fases da vida por ela percebidas na obra de Renato Russo com o percurso transcorrido por quem alcança o pleno esclarecimento.

Primeira estação: a *resistência*, caracterizada pelo estado pela idealização e rebelia ideológica que marcam a adolescência e o início da vida adulta.

¹⁰¹ SANTOS, 2016, p. 125.

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Sobre o autor:

ALESSANDRO ELOY BRAGA

é Doutor ~ com distinção e louvor ~ em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2001) e Licenciado em Letras-Português pela Universidade Católica de Brasília (1995). Foi bolsista CAPES. É poeta com dois livros publicados: «Conjugações do verbo amar» (2021) e «Alma Pública» (2016); ambos os livros realizados com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Como pesquisador e ensaísta publicou o livro «A poesia brasileira em dez atos» (2023) e os seguintes artigos: «A mitologia Greco-romana e a natureza nas representações do amor e do erotismo em Glaura de Silva Alvarenga» (2019); «A negação da autoctonia como cura para o miasma» (2017); «Perspectivas da autoctonia e suas relações com o trágico nas tragédias tebanas de Sófocles» (2017); «Autoctonia e manipulação política na República de Platão 414B-415D» (2015); «A genealogia cadmeia em Tebas» (2015); «Avaliação do ensino de Literatura por professores e estudantes do Ensino Médio» (2003).